

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 RÉIS

ANNO I	REDACÇÃO LARGO 7 DE SETEMBRRO Propriedade de uma Associação	S. Paulo, 7 de Julho de 1887	ASSIGNATURAS CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs. Pagamento adiantado	N. 51
--------	---	------------------------------	--	-------

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes do interior o obsequio de nos enviarem o importe das assignaturas pelo correio.

Os Srs. assignantes poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIÃO.

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 7 DE JULHO DE 1887.

Filiação desconhecida

Deixamos historicamente provado que a origem da actual escravatura é illegal. Não havendo até a data da suppressão do trafico o uso de procrear escravos até 1830, os crioulos nascidos de mães escravas são legalmente individuos criminosamente reduzidos á escravidão.

O escravismo, porém, argumenta com a phrase da lei de 28 de Setembro de 1871, e mesmo do texto das leis, quer da historia da escravidão, ha ainda o argumento irreductivel de que

privado, nem coagido na sua liberdade, senão em virtude de lei, e se a Constituição assim o entendeu para as liberdades civis e politicas, não podia estabelecer o contrario para a liberdade natural do homem.

Nenhuma lei estabeleceu a escravidão em nosso paiz, depois da independencia. O que se fez somente foi tolerar a escravidão existente, que tem por base as Ordenações do Reino.

A prova da escravidão, portanto, não pôde ser dada senão de accordo com ellas, e como condemnado o resgate, que é o nome religioso do trafico de africanos, não é possível d'ahi vir mais o estado da escravidão, a unica fonte é o ventre. Para provar que era esta a fonte unica da escravidão, entre nós, ahí está a lei de 28 de Setembro de 1871, que, sendo

procedeu, como devia, declarando-a em vigor e aceitando-a para todos os seus efeitos.

Ora, estando em vigor a lei de 7 de Novembro de 1831, e estando provado que ella foi fraudada e largamente, como provam as leis de 1850 e 1854, está claro que não se pôde prescindir da filiação do escravidão para se conhecer juridicamente a sua condição, porque sem a filiação é impossível saber se elle descende de escrava, ou de mulher africana criminosamente conservada em escravidão pela pirataria.

Accresce que foram os proprios criminosos que fizeram a confissão publica do crime, quando, em 1837, pediram ao senado amnistia!

Ora, desde que se decreta o estado de ingenuidade de um individuo, elle adquire direito irrevogavel por lei ordinaria.

O artigo 178 declara a irrevogabilidade dos direitos individuais dos cidadãos, e o primeiro delles é a liberdade.

E mais: o art. 179 da Constituição declara que não terão effeito retroactivo as leis, em caso algum.

Decretada como foi a ingenuidade da mulher africana, importada depois de 1831, está fóra de duvida que nenhuma lei podia privar-a do direito de liberdade, uma vez adquirido, tanto mais quando uma lei, a de 28 de Setembro de 1871, derogou a ordenação na parte que authorisava a reescrever o ingrato.

Nenhuma lei ordinaria, portanto pôde cassar a liberdade concedida, porque o liberto, afóra a limitação do direito de voto, é pela Constituição cidadão tão inviolavel como outro qualquer.

Prescindindo de todos os argumentos juridicos, emanados quer do espirito e mesmo do texto das leis, quer da historia da escravidão, ha ainda o argumento irreductivel de que

privado, nem coagido na sua liberdade, senão em virtude de lei, e se a Constituição assim o entendeu para as liberdades civis e politicas, não podia estabelecer o contrario para a liberdade natural do homem.

Nenhuma lei estabeleceu a escravidão em nosso paiz, depois da independencia. O que se fez somente foi tolerar a escravidão existente, que tem por base as Ordenações do Reino.

A prova da escravidão, portanto, não pôde ser dada senão de accordo com ellas, e como condemnado o resgate, que é o nome religioso do trafico de africanos, não é possível d'ahi vir mais o estado da escravidão, a unica fonte é o ventre. Para provar que era esta a fonte unica da escravidão, entre nós, ahí está a lei de 28 de Setembro de 1871, que, sendo

feita para acabar com a propagação da escravidão, limitou-se a emancipar o ventre da mulher escrava.

Se houvesse outra qualquer fonte de escravidão, o legislador com certeza a iria buscar para seccal-a também.

Mas, se o ventre é a unica fonte da escravidão entre nós, ninguém pôde dispensar a filiação para provar o estado de escravidão, sob pena de revogar a Constituição na parte que estabeleceu a inviolabilidade dos direitos naturaes do homem.

Em uma palavra: a jurisprudencia da filiação desconhecida é inatacavel. Está no espirito de todas as nossas leis, que fez sempre do ventre da escrava, em todos os tempos a sua unica origem, afóra o trafico hoje condemnado.

Procurou sempre a lei, nesta mesma fonte, abrir as maiores excepções em favor da liberdade, haja vista o facto de ser livre o filho de mulher, que, pertencendo a condominios, um delles a liberta.

Bem procederam, pois, a Relação da corte, e os magistrados que a tem acompanhado.

Estão dentro do direito; estão dentro da lei.

A proposito deste assumpto, temos a publicar hoje mais um parecer subscripto por um moço, cuja competencia é geralmente conhecida e que assim se expressa no seu douto parecer.

PARECER

A liberdade é o estado natural do homem; a escravidão é contra a razão natural. Este principio, geralmente seguido, foi adoptado pela nossa legislação: Ord. livr. 4, tit. 42, Alv. de 30 de Julho de 1699.

Assim sendo

Entre nós tem sido tolerado e tinha duas fontes: a importação de africanos e o nascimento. (Pardigão Malheiros—A escravidão no Brasil pag. 25) Depois da lei de 7 de Novembro de 1831, que aboliu o trafico, restava a segunda que cessou com a lei de 28 de Setembro de 1871.

Pôde, pois, o africano ser considerado escravo pelo nosso direito, sendo desconhecida a sua filiação, mas o individuo nascido no Brazil para ser considerado tal, é necessario se provar o seu nascimento, pois como muito bem diz Borges Carneiro, Liv. 1, tit. 3, § 33, n. 1, «escrava de alguém é aquella que nasce de escrava sua.»

Tanto assim é, que os expostos de qualquer cor que sejam, são tidos como livres. Prov. de 22 de Novembro de 1823.

suas acceidas aldeas, a vasta herdade, á espessa sombra dos áceres, com o seu pato mui limpo, mas aonde a erva cresce á vontade entre as pedras da calçada. Lembra-se, sem duvida, do perfeito repouso, da ordem, e da tranquillidade que ahí se respira. Nada ahí se perde, nada está fóra do seu logar; não ha uma estaca da palissada que abane, não se vê uma palha sobre o taboleiro de relva, com os seus ramalhetes de lilazes por baixo das janellas. Se penetrou no interior da casa, deve ter notado esses quartos vastos e claros, cuja rigida ordem exclue toda a idéa de actividade, e esses habitos domesticos, também regulados como o velho relójo de parede da ante-camara.

Recordar-se-ha também de haver visto, na sala da familia, como lhe chamam, o armario de vidros aonde se acham arranjados com ursa magestosa ordem: a «Historia antiga e moderna» de Rollin, o «Paraizo perdido» de Milton, a «Peregrinação christã» de Bunyan, e a «Biblia da familia» annotada por Scott, em companhia d'outros livros igualmente serios e respeitaveis. Essa casa não tem creados; e, apesar d'isso, vê-se regularmente depois do almoço a dona d'ella com a sua touca branca de neve, com os seus oculos no nariz, occupada a coser, no meio de suas filhas, tão tranquillamente, como se não tivessem outra occupação. A qualquer hora que cheguéis, achareis tudo prompto e em ordem: o chão da cozinha ignora o que é uma nodosa; as mesas, as cadeiras, os utensilios nunca se acham fóra do seu logar. E todavia, não deixam de preparar-se ahí todos os dias tres ou quatro refeições, de lavar-se e engomarse a roupa, de fazer-se a manteiga e o

O art. 1.º da lei de 28 de Setembro de 1885 e art. 2.º § 1.º do regulamento de 14 de Novembro do mesmo anno, mandando proceder á matricula e exigindo a filiação, se for conhecida, não veio revogar os principios anteriormente estabelecidos, além de que a matricula não é mais do que uma base estatistica, que não confere direito de propriedade.

Deve-se, pois, com os principios de hermeneutica, entender que o legislador, quando para a matricula exigiu a filiação, se for conhecida, somente mirava a possibilidade de existirem africanos escravos, cuja filiação certamente era ignorada.

O matriculado brasileiro com filiação desconhecida é, portanto, livre, pois a liberdade se presume até prova em contrario, isto é, o nascimento de escrava, porque o onus da prova incumbe áquelle que requer contra a liberdade: lei de 6 de Junho de 1855.

Assim penso, salvo o juizo dos doutos. Zeferino de Faria Filho.

(Da Gazeta da Tarde.)

Uma formiga com catharro

S. Paulo é realmente a terra das insignificancias de bottas.

Quem quizer fazer figura é vir á S. Paulo aggregar-se á União Conservadora, afirmar que não ha gente importante, rica, sabia como a do *Correio Paulistano*, está com a carreira feita.

Não sabemos donde veio para esta capital um tal senhor Cascão.

O sr. Cascão, um destes que se figura, pois que em figura é um homem baixo, rachitico, quasi imberbe.

No entretanto, esse homem revestido do cargo de subdelegado de Santa Ephigenia, faz cousas do arco da velha, sem que ninguém lhe ponha cobro.

A' continuar o sr. Cascão a ter liberdade para fazer tudo quanto quizer, daqui ha dias, o senhor Cascão, ou perde a casca, ou fica mais importante do que o imperador da Suissa, e então será preciso crear-se um partido nihilista em Santa Ephigenia, para contrariar o sr. Cascão, que apesar de cascu-do nem por isso nos merece conceito algum.

Ora, que o sr. Cascão por ser casca grossa pinta o *padre* em Santa Ephigenia, etc., e tudo isso se executa tranquillamente no silencio e no mysterio.

E' n'uma d'essas herdades e n'um d'esses interiores que Miss Ophélia vio passar quarenta e cinco annos da sua placida existencia. Posto que a mais velha d'uma numerosa familia, seu pae e sua mãe tratavam-na ainda como uma das crianças, e a proposição de a deixar partir para a Nova-Orléans foi em casa um acontecimento inaudito. O velho pae foi buscar o seu atlas á bibliotheca, afim de saber ao justo de baixo de que longitude e de que latitude se achava situada a grande cidade, estudando cuidadosamente a viagem de Flint nos Estados do Sul para se fazer uma idéa exacta do paiz.

A boa mãe, mui inquieta, perguntou: «se a Nova-Orléans não era uma cidade horrivelmente corrompida?»—ajuntando—que lhe parecia ser quasi o mesmo que ir estabelecer-se entre os selvagens das ilhas de Sandwich ou em qualquer outra tribu pagã.

Em breve se espalhou a noticia em casa do ministro, do medico e da modista Miss Peabody, que Miss Ophélia Saint-Orléans, como podia a aldeia velha tomar uma resolução tão importante sem contribuir com o seu contingente de tagarellice?

O ministro, grande partidario de idéas abolicionistas, receiava que esse passo não implicasse uma approvação indirecta da escravatura; no emtanto que o medico, colonisacionista puro-sangue, approvava fortemente a partida de Miss Ophélia, «não fosse, dizia elle, senão para provar aos nossos concidadãos da No-

genia, prendendo a torto e a direito, cercando casas a alta noite, mandando urbanos provocar cidadãos pacificos afim de serem presos, que o sr. Cascão se apresente com uma immensa cartola na sua pequena cabeça, e de ordenança na culatra passeando pelas ruas afim de que o povo se admire de sua pessoa tão pequena ter chegado a tamanho cargo como de o subdelegado, que o sr. Cascão exerça a sua jurisdicção em districto differente do seu, mandando prender até aquí na cidade, quando para tal não tem competencia; que o sr. Cascão mande fazer prisões na Consolação, quando é subdelegado de Santa Ephigenia, isso tudo pouco nos interessa, porque para isso temos um chefe de policia intelligente e bastante energico que pôde perfeitamente regular essas irregularidades.

Mas o sr. Cascão não se limita a isso. Ultimamente, este subdelegado tem feito do seu emprego o officio de capitão do matto, occupando os urbanos na remessa de pretos fugidos que faz embarcar na Estação d'Agua Branca. Perguntamos, agora, nós ao sr. Cascão—que interesse leva o sr. Cascão a estar prendendo homens de cor e a fazer embarcar-os em Estação remota, longe de nossas vistas?

Ordem publica, não é naturalmente o que obriga o sr. Cascão a fazer esse triste papel.

Servir esses amigos do interior também não, porque o sr. Cascão nunca teve transacções no interior, portanto, não se trata de servir amigos.

Adquirir nome, também não, que si o sr. Cascão quizesse adquirir nome poderia o fazer com muito mais facilidade comprando um balão, fazendo-o subir ao Jardim Publico e fazendo gymnasticas nos ares como fazia o Ceballos.

Pedimos ao sr. Cascão que se quizer viver socegado dentro da sua casca deixe de prender pretos fugidos.

Esse procedimento é mais proprio desses subdelegados da roça que entendem que nisso é que está a verdadeira energia da auctoridade, e não fica proprio para um subdelegado da capital.

Por emquanto, limitamo-nos a estas pequenas considerações; mais tarde havemos de descascar o sr. Cascão.

Quando emfim essa partida foi cousa decidida, Miss Ophélia foi solememente convidada a tomar chá em casa de todos os amigos e visinhos da familia e durante quinze dias, os seus projectos e as suas esperanças foram discutidas com o mais vivo interesse. Miss Moseley, a costureira, não cessava de fallar das extraordinarias compras que Miss Ophélia ia sem duvida fazer; porque se sabia, com toda a certeza, que Mr. Saint-Clair lhe tinha dado cincoenta dollares para augmentar a sua guarda-roupa, sem fallar d'um chapéo e de dois vestidos de seda que se esperavam de Boston. Mas a opinião publica differia, quanto ao emprego d'este dinheiro: uns achavam que era assás razoavel que elle fosse gasto n'aquillo para que havia sido dado; outros prefeririam vêr Miss Ophélia gratificar com elle a obra das missões, porém todos concordavam em dizer, que um dos vestidos de seda era tão forte que podia ter-se de pé e que nunca se tinha visto cousa semelhante ao chapéusinho de sol vindo de New-York.

Certos ruidos mui acreditados fallavam também de lenços de assoar bordados e guarnecidos de renda, d'uma grande riqueza. Por agora contudo, Miss Ophélia apresenta-se-nos com um simples vestido de viagem, feito de chita de linho do Norte.

(Continúa.)

FOLHETIM

(51)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XV

Que trata do novo senhor de Thomaz e de diversas outras cousas.

Filha unica, seu pae não lhe recusou nunca cousa alguma que fosse humanamente possível obter-se, e quando appareceu na sociedade, bella, rica e distinta, vio em breve todos os homena a seus pés e julgou Saint-Clair o mais feliz dos humanos por ter obtido a sua mão.

E' um erro pensar que uma mulher egoista e insensivel não pôde exigir affeição dos outros. E' impossível achar, em amor, credor mais implacavel que uma mulher egoista; as suas exigencias, o seu ciueme crescem em proporção da sua falta de amabilidade.

Por isso, quando Saint-Clair cessou de lhe prodigalizar as delicadas attentões de um amante, achou a soberba sultana mui decidida a reivindicar todos os seus direitos sobre o seu escravo. Nem lagrimas, nem amuos, nem queixas, nem censuras lhe foram poupadas. D'um caracter bom e facil, Saint-Clair procurava distrahir-a á força de presentes e de lisonjas, e, quando Maria o fez pae de uma bella menina, um simulacro de ternura despertou em seu coração.

Cartas de Santos

4 de Julho de 1887.

Sorpreendeu-me extraordinariamente a carta de Santos, estampada no anterior d. A Redempção.

Um tal Washington, se não quizer divertir-se á custa de quem não lhe dá a mínima attenção, quiz ludibriar os redactores distinctos d' A Redempção, apadrinhando-se com o meu nome para serem publicadas suas correspondencias.

E' bom que saiba o amigo redactor principal d' A Redempção, que não pedi a pessoa alguma que substituísse-me no posto de correspondente dessa folha; é bom que saiba o publico que o unico correspondente é Gastão Bousquet, actualmente residente na Corte; e finalmente, é bom que o Correo de Santos fique sciente não autorisei pessoa alguma a tomar o lugar que occupava temporariamente, para insultar-o em sua dignidade de jornalista.

Escrevi alguns artigos para A Redempção, e ultimamente algumas correspondencias, em uma das quaes accusei acrememente o Correo de Santos, que não soubera portar-se como devia em frente do movimento abolicionista agitado ha pouco tempo nesta cidade.

O que, eu, porém, não fiz, foi insultar o Correo de Santos, como o faz Washington e por isso declaro que não sei quem é o cidadão que se occulta sob aquelle pseudonymo.

Garanto, porém, que não pedi a pessoa alguma que substituísse-me para Washington dizer que pedi-lhe que escrevesse as cartas.

Não deixei tampouco de coadjuvar com meus despretenciosos e mal alinhados artigos, A Redempção. O que fiz, foi deixar de escrever as Cartas de Santos de que fora incumbido por Gastão Bousquet. A razão eu já expliquei em minha ultima carta: apparecera intempestivamente, um novo correspondente, nesta cidade, para essa folha abolicionista.

Washington é um mentiroso.

FUCIO ROBERTO.

P. S.—Emquanto estou com a mão na massa.

O Diario de Campinas, em o seu numero de domingo, 3 do corrente, traz um annuncio de venda de carne humana.

Creio piamente, que, como os annuncios são exclusivamente entregues a empregados de balcão, a sympathica redacção da folha campineira que independentemente tem tractado de publicar semelhante annuncio.

E' logico que a folha campineira, naturalmente não publicando annuncios de escravos fugidos, por haver assumido ao convenio estabelecido, ha annos com a imprensa séria do paiz, não deve tambem deitar as suas columnas á disposição dos mercadores da raça infeliz.

Espero, ver no proximo numero do Diario de Campinas, a desappareição do annuncio negreiro, pois que a distincta redacção daquella folha, tendo dado naturalmente com a inserção de tal annuncio, vai sem mais demora mandar suprimil-o.

Para terminar, vou endereçar algumas palavras ao negociante João Machado de Souza Campos.

Já que este amigo, é homem tão bom-sinho que para fazer o gosto da familia, voude sua fazenda e seus irmãos, tambem para dar boas provas de seu magnanimidade coração, devia ir sem mais demora fazendo a vontade dos abolicionistas, isto é, dando liberdade aos desgraçados seres postos á venda.

O generoso homem que annuncia Bom emprego de capital, deve capacitar-se que nós, os abolicionistas, não estamos a pregar no deserto, e que o nossa propaganda se já não tivesse produzido o effeito esperado, teriamos lançado então meios dos recursos violentos, e para punir crime tamanho, applicariamos a pena de Talião, escravizando a troça dos escravocratas marótos.

O sr. João Negociante Machado de Souza Campos, deve saber que a escravidão chegou a seo termo, e que, por conseguinte ninguém querará comprar sua excellente mercadoria, a não ser a resto de barato.

Liberte, pois os seus escravos, feroz sr. Campos...

F. R.

Club Liberal

Os jornaes desta capital, fazem sentir ás cinco partes do mundo que houve grande reunião do partido liberal, que estiveram presentes grande numero de membros desse partido e uma boa porção de chefes.

Tambem affirmam que entre os convidados estiveram os representantes de alguns jornaes da capital.

A Redempção, como é orgam dos

abolicionistas, deixou de ser convidada.

Programmas, não faltam, desde que o partido liberal se reúne.

O sr. conselheiro Leoncio de Carvalho, apresentou duas novas theses, para serem desenvolvidas quando o partido subir.

O sr. dr. Leite Moraes, além de outras cousas que disse, affirmou que o partido liberal, devia tambem incluir no seu programma a suppressão do poder moderador.

O dr. Martim Francisco fallando em ultimo lugar, propoz a separação.

Não precisava o dr. Martim Francisco propôr, porque assim que o partido liberal subir separa-se e divide-se.

Afirmam os jornaes, que os resistentes, uniram-se aos escravocratas; mas não nos consta que o conselheiro Leoncio, a familia Queiroz, o desembargador Gavião e o Moreirinha de Barros, libertassem os seus escravos.

Dão os liberaes, como fim da questão do elemento servil, só porque os conservadores e republicanos libertaram os seus escravos?!

Que tal a historia!

Então está finda a missão da resistencia liberal?!

A promessa do sr. Augusto Queiroz, que concordaria com o projecto Danias, caso fosse eleito deputado, foi bastante para a dissolução dessa valente phalange de liberaes, que queriam eternisar a sua dôr pelo fallecimento do conselheiro José Bonifacio?!

Afirmam os jornaes, que depois da reunião, houve um succulento copo d'agua, e que os adeptos do partido liberal de copo de champagne em punho estabeleceram os seus programmas.

O negrão Cotegipe disse em pleno senado, que o que se diz depois do jantar, não regula.

Pobre partido liberal! Perguntamos nós, agora:—Quem é o chefe desse partido?

Cartas de Taubaté

Taubaté, 3 de Julho de 1887.

Sr. redactor.

A inserção da minha primeira mal alinhada missiva, deu origem a uma carta de Taubaté, que me chegou ao meu

em Taubaté, e que me chegou ao meu

liberdade.

O effeito que causou aqui, a minha primeira carta, é-me inteiramente desconhecido, porque o seu conceituado jornal causa horror á todos aquelles que não obstante viverem batendo no peito e trazem o rotulo de verdadeiros catholicos, fazem guerra sem treguas á tudo que trata de arrancar-lhes das garras, essas miseraveis victimas que o bom catholicismo dos fundadores portuguezes, nos deu por herança como um vehiculo de riqueza, sem o qual nós não poderiamos gozar da paz na velhice e legar aos nossos descendentes uma existencia cheia de prazeres e ociosidades.

O homem, que desde a infeliz desobediencia no paraizo, foi condemnado á ganhar o pão quotidiano com o suor do seu rosto, não pôde por maneira alguma sacrificar a liberdade de outrem, para poupar-lhe esse trabalho que lhe foi imposto como uma censura ao seu pouco respeito para com aquelle que, tirando-o do nada, fez-lhe o rei do universo, não para captivar os seus semelhantes, mas sim dirijir os destinos da humanidade e trabalhar em bem de todos quer moralmente, quer physicamente.

A pastoral do exmo. bispo de Olinda, parece não ter tido boa acceitação entre os seus religiosos ex-parochianos e até ha quem diga que o patrão-mór, cá da terra (já se vê que é o sr. Moreira liberal) deu por mal empregado em fazel-o bispo, quando podia ser outro qualquer vigario escravocrata, como por exemplo o de Caçapava que compra escravos para sua serventia.

O luminoso accórdam da Relação da côrte, não achou echo nesta catholicissima cidade, patria do distinctissimo prelado olindense, que á esta hora talvez se envergonhe de dizer áquelles que, felicitando-o pela sua attitude na questão servil, perguntar-lhe de onde é filho e como a sua terra natal caminha para a abolição.

A resposta por certo tem de enroscar na garganta do illustre taubateano e nada dizer da sua patria cidade, que em vez de seguir o exemplo do seu dilectissimo filho, conserva-se no mais ferrenho escravagismo.

As nossas autoridades são todas escravocratas, convidando notar que entre ellas ha tres liberaes, juiz de direito e promotor publico e juiz municipal. O juiz de direito apesar de ser uma aguia, é de um escravagismo á toda prova,

chegando a sua semcerimonia á ponto de apellar no processo de uma escrava que respondeu jury, por imputar-lhe o crime de asphixiar uma creança sobrinha do actual vigario, um jesuita de força de quem o juiz é amicissimo!... E a tal escrava foi absolvida unanimemente por não terem os jurados achado criminalidade nella.

O promotor publico esse é um pobre-sinho que vendo-se arruinado na lavoura veio exercer a magistratura em falta de outro recurso, e como tal não pôde agir contra a nefanda instituição, já por ter sido fazendeiro, já por dever a sua nomeação ao liberalismo do chefe Moreira de Barros, que em materia de abolição, não cede um só palmo a favor das pobres victimas dos seus verdugos senhores.

Até breve.

CAIO APIO.

Saldanha Marinho brincando

Quando aprendemos a Grammatica Latina, o sabio escriptor dessa mecha, que tantos bôlos nos custou, trazia um exemplo que passamos para o portuguez, por causa do José-Povinho:

Os meninos brincam.

Nós, se tivéssemos de fazer uma grammatica, haviamos de mandar e pôr:

Os velhos brincam.

De outra fôrma, não se pôde comprehender tamanho bufo, dado por Saldanha Marinho (de dentro de seu escriptorio).

Prega o sr. Saldanha Marinho a republica immediata, feita, já se sabe, á ponta de faca.

Mas, si o conselheiro Saldanha Marinho soubesse que os republicanos de S. Paulo, o que querem são eleitores que lhes garantam um assento nos parlamentos deste paiz, principiando pelas camaras municipaes, que tambem hoje estão reduzidas a pequenos parlamentos, não pregaria tal doutrina que, se fosse fallada e não escripta, havia de ser acompanhada de muita tosse, pela succulencia do pucho.

Os republicanos paulistas dispõem de dinheiro, bons jornaes, excellente intelligencia, bonitos caracteres, mas faltalhes o essencial—o Zé-Povinho.

Os republicanos, imbuidos em suas idéas, trabalhando sempre de cabeça, pela solução da grande idéa, esquecem-se de trabalhar para o principal de

cano, todo o modo de si e de sua sciencia, julgando que vivem em um mundo á parte do nosso.

Conhecemos até um, que pelo nariz não se perca, que maltrata a todos que o procuram, principalmente sendo pobres.

Além disso, entre essa phalange de sabios, ha uma troça de escravocratas, que desacreditam bem as idéas liberaes que prega a republica.

Si o Correo Paulistano, que tem 30 annos, já caduca, quanto mais o conselheiro chefe, que tem mais de 70.

Os republicanos incommodaram-se com a grêve pacifica dos abolicionistas campineiros, e representaram ao governo a necessidade de mandar força por mar e por terra, e hão de querer revolução.

Quando morrer toda a familia imperial, então teremos republica; mas, á bico de faca, espingarda que dá tiro, e pistola de dous canos, socegue, sr. conselheiro Saldanha Marinho, os republicanos não estão preparados.

Não pegue o illustre chefe republicano a assustar os seus correligionarios, pregando a revolução.

Si continuar, adeus, Rangel Pestana, lá vai tirar cipó.

A democracia brasileira

Com este titulo, publicou o sr. Urbano do Amaral, republicano escravocrata, uma obra, que ainda não lemos, mas vamos procurar adquirir um volume para analysarmos detidamente.

Ha de ser cousa muito engraçada, um republicano escravocrata escrevendo obra sobre liberdade.

Compinas é terra mesmo das novidades.

Assim como dá carás que pezam 60 kilos, tambem dá escriptores que pregam a liberdade de quem já é livre, e o captiveiro de quem é escravo.

Republicanos desses não valem uma pitada de tabaco.

Mande-nos de lá uma obrinha dessas, Sr. Urbano. E' preciso ser urbano com as folhas urbanas.

Impressões do trabalho

As officinas são templos
A que todos devem ir,
A dar do trabalho exemplos,
A preparar o porvir!

DAMASCENO VIEIRA.

Era por uma dessas bellas tardes do mez de Maio. Achava-me em uma fazenda agricola, sentado sobre um rochedo ao canto de uma estrada, contemplando esse espectaculo magesto o — a despedida do rei dos astros! O sol, em seu carro de fogo, descia pouco a pouco para o occidente, como que sentindo deixar a terra que inda ha pouco dominava com seu magno fulgor. Os passarinhos, chilreando, procuravam os galhos das copadas arvores, para nelles se abrigarem durante a noite. Pouco a pouco a noite foi estendendo o seu negro manto sobre a terra e envolvendo-a nas trevas. Não tardou muito em apparecer no Oriente, a rainha da noite— a lua, essa imagem da humildade e da candura, que com seu pallido clarão, parece vir consolar a humanidade pelos soffrimentos passados durante o dia e robustecel-a para as luctas pela existencia. As estrellas, umas após outras, foram apparecendo, radiantes de belleza e marchetaudo o firmamento de milhares de diamantes!

Estava eu abysmado na contemplação da natureza dos maravilhosos mundos que povoam a immensidade do espaço, quando subitamente fui arrancado desse estado contemplativo por um rude canto, que mais parecia uma oração. Prestei a attenção e vi que era uma turma de escravos que, tendo largado o serviço, se encaminhava para casa, cantando. Quanto mais elles de mim se approximavão, mais distincto se tornava o canto e mais me pungia o coração! Esse canto parecia um hymno de graças rendido á noite, pelas poucas horas de descanso que ella lhes concede, porque, para esses infelizes condemnados a trabalharem toda a vida para outros gastarem os fructos de seu trabalho, o verdadeiro descanso só existe no campo da igualdade, isto é, na mansão dos mortos!

Não sei exprimir o que senti nesse momento; só sei dizer que a minha alma, que inda ha pouco, enthusiasmada, admirando as bellezas do Universo,

em um instante de irreflexão, e mataram o homem que por annos açoitara sua mãe, sua irmã e a elles mesmos! Toda a gente acha esse crime negro, gravissimo, hediondo.

E' crime negro porque negro são os seus auctores e aqui ha uma prevenção enorme para com os pobres negros e negros pobres...

O jury de Pirassununga julgou haver aggravante no crime porque a enchada foi procurada para a perpetração d'elle!

Agarrou-se o promotor a esse sophisma e o tribunal impiedoso atirou aquelles dous cidadãos para as galés. Foram depois dormir o somno da consciencia tranquiilla, pois a lavoura devia estar satisfeita. Vamos narrar mais ou menos as peripecias do crime conforme o processo, affim de que o publico julgue o criterio dos juizes.

A victima Francisco Lorenzo Bezerra passava mal e tractava mal aos seus escravos; nem aliçamentava nem vestuario sufficiente lhes dava, trabalhando os infelizes em dias santos necessariamente, para a vestirem e alimentarem-se soffriavelmente. Bezerra castigava barbaramente os seus escravos.

Chegando a roça encontrou os accusados assando milho verde para satisfazerem as exigencias da fome e reprehendendo-os ameaçadoramente declarou-lhes que! negro é como bicho e pode trabalhar sem comer! Elles que tinham, já pelos maos tractos de que eram victimas chegado a um desespero extremo a ponto de terem-se já resolvido a suicidarem-se, tractados asperamente pelo senhor e ameaçados de um castigo, mataram pois, que a victima não attendia a suas desculpas de que não havia o que comerem naquella dia.

Quem! quem a não ser máo ou vil, não encontrará attenuante nesse delicto? Todavia o conselho de sentença composto dos srs. Jeremias José de Almeida, João Francisco de Souza, Ernesto Galvão, Luiz Francisco da Silva, Joaquim Theotônio do Nascimento e Silva, Martimiano Olimpio da Silva, Francisco Conceição, Agostinho de Moraes Dutra, José Bastos, Antonio Mendes Ferro, Vicente Gomes Teixeira da Cunha, José Baptista Pires, condemnou aquelles infelizes a consumirem mais

Nas escripturas se affirma que o homem mais feliz, mais sabio d'aquelles tempos antigos fôra Salomão.

Nós diremos, que hoje, o homem mais sabio, mais feliz desta provincia é Antonio Americo.

São passados dois mezes, que Benjamin apresentou-se n'esta Capital, magro, esqualido com a espinha dorsal quasi quebrada, cheio de ferimentos, antigos e recentes, quasi idiota.

A auctoridade policial fez o competente auto de corpo delicto.

Da secretaria da policia consta que esse auto e o competente interrogatorio foram remetidos para Campinas.

Até hoje, não nos consta que Antonio Americo fosse perturbado em seu santo socego.

Depois que Benjamin veio a São Paulo, que o auto de corpo delicto foi remettido a Campinas, Antonio Americo já deu dois bailes como que zombando da importancia das auctoridades.

O Exm. Presidente da provincia aquem o «Correo Paulistano» e o «Diario Mercantil» não cessão de fazer os maiores elogios está completamente calado sobre o assumpto.

Mas que querem os nossos leitores. Neste paiz ha duas leis uma para os brancos e outra para os pretos; uma para os ricos, outra para os pobres.

E' preciso de vez que a pobreza reaja.

Quando em um paiz as instituições vão cahindo e a justiça desaparecendo, é forçoso que se forme do cahos uma nova ordem de cousas.

Si ha paiz que precise de uma revolução é o Brazil, parta ella donde partir.

Mas em quanto isso não se der temos a affirmar que o homem mais feliz desta provincia é Antonio Americo.

12 Annos por sentença

Dous homens que nasceram no ambiente hediondo da escravidão, que passaram os dias da meninice sob essa pressão tristemente brutal do captiveiro, que inermes eram açoitados vendo seus pais e seus irmãos soffrirem tormentos dolorosissimos, chegados a um grão de desespero que não lhes dava mais

esperança, e em um instante de irreflexão, e mataram o homem que por annos açoitara sua mãe, sua irmã e a elles mesmos! Toda a gente acha esse crime negro, gravissimo, hediondo.

E' crime negro porque negro são os seus auctores e aqui ha uma prevenção enorme para com os pobres negros e negros pobres...

O jury de Pirassununga julgou haver aggravante no crime porque a enchada foi procurada para a perpetração d'elle!

Agarrou-se o promotor a esse sophisma e o tribunal impiedoso atirou aquelles dous cidadãos para as galés. Foram depois dormir o somno da consciencia tranquiilla, pois a lavoura devia estar satisfeita. Vamos narrar mais ou menos as peripecias do crime conforme o processo, affim de que o publico julgue o criterio dos juizes.

A victima Francisco Lorenzo Bezerra passava mal e tractava mal aos seus escravos; nem aliçamentava nem vestuario sufficiente lhes dava, trabalhando os infelizes em dias santos necessariamente, para a vestirem e alimentarem-se soffriavelmente. Bezerra castigava barbaramente os seus escravos.

Chegando a roça encontrou os accusados assando milho verde para satisfazerem as exigencias da fome e reprehendendo-os ameaçadoramente declarou-lhes que! negro é como bicho e pode trabalhar sem comer! Elles que tinham, já pelos maos tractos de que eram victimas chegado a um desespero extremo a ponto de terem-se já resolvido a suicidarem-se, tractados asperamente pelo senhor e ameaçados de um castigo, mataram pois, que a victima não attendia a suas desculpas de que não havia o que comerem naquella dia.

Quem! quem a não ser máo ou vil, não encontrará attenuante nesse delicto? Todavia o conselho de sentença composto dos srs. Jeremias José de Almeida, João Francisco de Souza, Ernesto Galvão, Luiz Francisco da Silva, Joaquim Theotônio do Nascimento e Silva, Martimiano Olimpio da Silva, Francisco Conceição, Agostinho de Moraes Dutra, José Bastos, Antonio Mendes Ferro, Vicente Gomes Teixeira da Cunha, José Baptista Pires, condemnou aquelles infelizes a consumirem mais

**UNICA NA
PROVINCIA
E sem competidor**

Camisaria Especial
RUA DA IMPERATRIZ, 55
S. PAULO

SORTIMENTO

immenso em roupa branca para
homens e meninos
Em preços
NINGUEM PODE COMPETIR

doze annos da sua malfadada existencia nos horrores das galés.

O dr. Promotor que tinha sido eloquentemente suave na accusação, foi encarniçado na replica zeloso do seu renome de eximio argumentista. Vaidosamente palrador esqueceu-se dos proprios sentimentos de bondade e aferro lhou as portas da Correição sobre os desgraçados que cometeram o crime sob o imperio da fome e do terror, com uma enchada instrumento do seu trabalho, e um cacete arma que está por toda a parte e que portanto não foi procurada.

Excluíram da sociedade dous individuos de bons precedentes, pois segundo depoimentos de testemunhas, eram trabalhadores morigerados e estimados no seu bairro.

E quasi toda a gente applaude a decisão d'aquelle tribunal! Seis annos era correctivo sufficientissimo para o delicto de José e Manoel; a absolvição mesmo não seria de admirar, porem eram negros e ficariam livres e então a condemnacão era fatal? Pobre raça! O Jury de Pirassununga deu em nossa opinião uma sentença iniqua e hade continuar a fazel-o, porque temos muitos jurados incompetentes para aquelle cargo. Sem serem bons são ignorantes e um ou outro que se acham nos casos de dirigirem o conselho secreto são os mais das vezes presos a certas particularissimas conveniencias. Devem estar muito satisfeitos os membros do jury do dia 9, o presidente do tribunal pela sua recidiva e fulgor no resumo, o accusador official, fornecedor das galés, pelo seu triumpho oratorio e o conselho de jurados por ter mandado dous negros para a Correição.

Nós lamentamos mais os juizes do que os réos.

(Do Pirassununga)

de uma vez S. M. Imperial tinha prometido que não morreria sem ver extinto o elemento servil.

O sr. de Cotegipe quer mostrar ao povo, que a palavra dos reis, hoje, nada vale.

Encaixotado o sr. D. Pedro, dentro do Gironda, receiosos o sr. de Cotegipe que o Imperador fizesse voltar o vapor, deu um grito ao commandante: — De signal de boa viagem!

E o commandante gritou: — Boa viagem mestre!

Findo este acto, affirmam os jornaes, que houve um lauto banquete, em que fizeram-se brindes succulentos, e o sr. de Cotegipe de copo de champagne em punho apresentou programmas de tal natureza que obrigou o sr. Taunay a modificar as suas idéas.

Parabens ao illustre sr. de Cotegipe, que quer sustentar-se no poder com unhas e dentes.

Congresso Nacional Republicano

Por falta de quorum ficou esse quorum sem quorum.

Circular

Para a circular expedida pelo honrado Dr. 1.º Delegado do Recife chamomos a attenção de todas as autoridades policiaes desta provincia e especialmente para os Delegados de Policia das cidades de Campinas e Jundiaby.

Sabemos que esses taes dirão isso é no Recife aqui quem governa são os fazendeiros, mas nós continuaremos a pregar-lhes estes cristeis de pimenta até que to-

quantia que exigisse como indemnização, e pedindo-lhe que nenhum mal fizesse a criança.

No dia seguinte, deu na forma costumada as suas lições, ordenando ao terminal-a que o pequeno não sahisse sem que elle o mandasse.

Mal se encontrou a sós com a infeliz criança, lançou-se a ella como um raivoso, espantando-a brutalmente e separando-lhe por fim, do tronco, com uma navalha, a cabeça que foi collocar, estpetada num páo, no sitio em que fóra morto o pavão.

Informado o pae do succedido, encaminhou-se de revolver em punho á casa do monstro que lhe havia assassinado o filho, e, encontrando-o na sala a fumar um cigarro, desfechou-lhe um tiro, que o prostrou de subito ferido mortalmente.

PROPAGANDA ABOLICIONISTA

Queixas de um escravo

Eu nasci em Sabará;
Fui vendido para cá,
Ao sahir de Baependy.
Hoje então na Paulicéa,
Me metteram na cadeia,
E disseram que eu fugi.

Ao raiar da linda aurora,
Quando o dia se colora,
Matizado de mil cores,
Vou por entr'o orvalho.
Bem ligeiro, p'ra o trabalho,
A curtir só dissabores.

Ou habiamos ou mi
Somos todos brazile
Que su...

Nem tão pouco a
Só soffremos tyrannias!

Neste solo paulistano,
M'encontrei c'um africano,
O meu pae — um desgraçado,
Que trouxeram d'emmenda,
E o venderam na fazenda,
Por signal foi castigado!

Vou dizer cousas exactas:
— Os cruéis escravocratas
Não tem lei, nem piedade!
— C'os trabalhos vis, notorios
E serviços vexatorios,
Não nos mandam p'ra cidade.

Já não posso co' esta vida,
Viver assim não é vida;
Eu mil vezes quero a morte;
Não posso tanto soffrer!
Quem me dêra até morrer,
Pois sou digno d'outra sorte.

O que vale hoje um escravo?
Embora que fosse um bravo,
E' p'ra sempre malfadado.
E o que pôde valer isto?
Se o proprio Jesus Christo
Foi também martyrisado!

Eis a queixa do captivo
Que, tão triste e denziado,
A chorar, assim pensava:
— Não mais haja escravidão!
Salve! Salve! O redempção,
Que ha bem tempo s'annuncia.

AMELIO BRAGA.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Fazem annos, de manhã, de noite, Souza e Almeida, donos da tasca democrata onde só se hospedam pretos e capataes do matto.

Fazem annos, os carroceiros sabugos que fazem de suas carroças, deposito para conduzir pretos e capataes do matto, para a tasca democratica.

Faz annos, o Cascão, capitão do matto, para... ficando esperado, para tornar a fazer annos, quando crescer.

Faz annos, o Pacau, o grande Pacau, com aquella espingarda... que... e ficando esperados, os liberaes, que se prestam a auxiliar pegas de escravos, quer sejam dentuços, quer não.

Fazem annos, sempre, em Santo Amaro, o Felipe Aureas Delaborde, primeiro e capitão do matto.

No primeiro anno da Escóla Normal, faz annos, o Chico de Paula Vellozo, capitão do matto e inimigo da sua raça.

Faz annos, no hospital dos bexiguentos, o zelador, que depois de velho, se presta a ser capitão do matto.

Em Jundiaby, faz annos, o Pereirão em cima da sepultura do preto cego.

No mesmo lugar, faz annos, o sargento bode-negro, ficando esperado, até que se publique a sua *catiguda* chronica.

O Cipriano da Ponte, antigo abolicionista, faz annos agora como capitão do matto.

Faz annos, no mesmo lugar, hora e dia, o Braguinha dos Licores, com as mul-tas do finado José dos Santos.

O Chico Empada, não faz annos, por ser muito medroso.

Em Caçapava, faz annos, o Marcelino de Carvalho, negociante de carne humana, em Santa Rita do Passo-Quatro

Em Taubaté, o Francisco Ignacio de Souza e Almeida, por ser sócio do João Leandro, que também faz annos, nesta capital, se não pular o muro do hotel.

Na mesma cidade, fazem annos, Januario Tenorio e Antonio do Prado, e todos os *beatos* e *beatas*, que frequentam as igrejas e são escravocratas.

Faz annos, na mesma cidade, quer *guany*, quer não, o ex-proprietario do Guarany.

Ignacio Marcondes do Amaral, por...

Em Jacarehy, faz annos, o ajudante, Braga.

Em Bragança, fazem annos, o Antonio do Padre, ficando esperado, o caixeiro, portuguez e capitão do matto, para quando arranjar o casamento.

Em Atibaia, faz annos, o Chico do Taboão, passando fome e com dinheiro a premio, ficando o mesmo esperado, para quando forem liquidadas as suas *crias*.

Em Campo Limpo, faz annos, o José Felipe, capitão do matto.

Em Santa Izabel, faz annos, Joaquim Belisario das Neves, espião de pretos fugidos.

Em Pindamonhangaba, faz annos, o Chico Franco, com gaudas da vespera de S. João...

Em Pindamonhangaba, também fazem annos, os advogados medrosos que não patrocinam causas de liberdade.

Em Campinas, fazem annos, os capataes do matto por atacado e a varejo. No mesmo lugar, faz annos, o Damaso Xavier da Silva, só por perseguir pobres e escravos.

O Antonio Americo, sempre faz annos.

No Amparo, faz annos, o Batata, até que liberte seus escravos.

O Rodolpho de oculos, faz annos, com o Joaquim Pedro de Andrade, o primeiro depois e o segundo primeiro, e vice-versa.

Os escravocratas do norte da provincia, fazem annos, por atacado e a varejo.

SECÇÃO PARTICULAR

Um novo vendilhão de captivos

Foi de Caçapava, para o Este da provincia um ex-negociante, arrebatado, viuvo, e sem brio, vender escravos do não menos arrebatado fazendeiro Alexandrino Marcondes! Compadres e amigos, feitos da mesma estofa, e à imagem um do outro, não poderia o *negrophoro* Alexandrino encontrar melhor asalariado do que este Marcelino da Costa que de Carvalho precisa para lhe end, ceitar as costas um tanto curvas e, negar a consciencia de

vendilhão de seus irmãos e ascendentes.

Previnam-se com este novo agente da escravidão, que é acompanhado de um capanga, alto, de côr, por nome Bento.

Recommendam-se os dois á vendicta publica, para que de volta de seu negrejado negocio, sejam anathematisados, como merecem.

LICTOR

Jahú

Se não for o que se propala,
Quem se cala?
Filhacão desconhecida,
Quem duvida!
Que abolição feita a balla,
Em grande escala?
Está a questão resolvida.

D'este modo digo eu,
Com o meo.
Pensamento de igualdade,
E' verdade.
Que por nós Jesus soffreo,
E morreo.
Para nos dar a liberdade.

Jahú, 16—6—87

O PERIQUITO.

Divida entre Irmãos (1)

Acabo agora de saber do grande arangel, que o grande negociante do Braz esteve fazendo com um seu cunhado, dizendo que nada de... Ora vamos a

vou principiar pelas dividas documentadas.

Ja me pagou os 40\$000rs. que eu saquei no Banco Mercantil, para vir sua Illustrissima familia da Corte, para aqui?

Ja pagou os 27\$500, do enterro de sua filha?

Ja pagou os 25\$000 de objectos que comprou no Sr. Dr. Uchoa. Já pagou os 20\$000 do aluguel da casa que pertencia ao Sr. Costa? Já pagou os 9\$500 de charutos, que mandei para seu negocio? Já pagou os 4\$830, do homem que lhe baldeou a madeira, e que se chama Dionisio? Já pagou os 50\$300, que confesso a um seu irmão, que pensava ser uma nota de 500rs.?

Ora isto meu amigo, bolas; quem quer ir para a Europa, ganha-o primeiro;

Estas são as dividas documentadas, não contendo a celebre gavetinha de segredo.

Se não der solução disto que digo irei pelos jornaes declarar tudo tim tim por tim tim; pois tenho testemunhas.

VIRGINIO DE SOUZA FIGUEIREDO

(1) Por falta de espaço deixou de sahir este apedido no numero passado,

ANNUNCIOS

Grande

foi o sortimento de calçados que da Corte trouxe agora o proprietario do Guarany

De entre a enorme variedade especialisaremos os seguintes e afamados autores: CLARK, para homem e senhora; BOSTOK, idem; POLLAK VENCEDOR; idem; e muitos outros, vende-se tudo com grande redução de preços, por ter o annunciação feito grandes e vantajosa compras.

AO GUARANY

42—RUA DA IMPERATRIZ—42

Chiar de carros

Ha tempos fez a Camara Municipal uma postura multando os carreiros, que deixassem seus carros chiar.

Aqui tudo cahe em desuzo!

A Camara Municipal, que põe pesados impostos sobre as pequenas cazas que se alugam aos pobres operarios;

A Camara que procura proteger a vagabundagem fazendo pesar sobre as classes laboriosas impostos e mais impostos, consente, no entretanto, que se atormente e ja tem atormentado os ouvidos da pobreza com esse barulhão que fazem os carros, que conduzem madeira, para o mercado das ditas.

Sabemos que os carreiros ditas são pobres e trabalhadores, mas incommoda-nos esses bufos agudos que dão esses carros.

Fazem-nos lembrar os tempos colonias que nunca conhecemos.

Esses guinchos de carros fazem o povo amolecer, e é por isso que, n'este paiz o governo faz tudo e o povo a nada se oppõe.

Esses guinchos dos carros nos faz lembrar a escravidão. O boi é a imagem viva do escravo que soffre o peso do trabalho e ainda o barbaro car-

co cotuca!

precizo que a Camara, para socorro da pobreza e tranquillidade de espirito dos abolicionistas, prohiba o guincho dos carros, ja que tão cedo não pôde suprimir os carros puchados por bois.

Boa viagem compadre

Os jornaes da Côte relatando a viagem de S. M. Imperial, escrevem que o conselheiro Cotegipe pediu ao vapor em que estava, que desse signal de boa viagem ao Gironda.

Este facto nos faz lembrar os caipiras, quando estão amolados com um hospede importuno, e quando os vêm pelas costas gritar: —Boa viagem compadre.

A permanencia de S. M. Imperial a testa da administração publica não convinha ao sr. Cotegipe, porque mais

Eis a circular:

«Illm. sr.—Convindo evitar abusos, recomendo a v. s. que não faça recolher á casa de detença escravizados de quem quer que seja, sem prévio requerimento, acompanhado da nova matricula e do titulo de dominio, pelo qual se prove o direito do senhorio aos mesmos escravizados, e sempre que ordenar a prisão nestas condições se digne trazer ao meu conhecimento, para providenciar-se como for de direito, afim de impedir que esses infelizes permaneçam na cadeia, caprichosamente, por mais tempo do que permittes a lei.

Outrosim, peço a v. s., e hei também como recomendado, que não consinta os recolhidos de sua circumscripção policial se encarregarem da condução de escravizados fugidos para as fazendas agricolas de seus respectivos senhores, serviço que só deverá ser feito por estes ou seus prepostos, pois, como v. s. bem sabe, a policia e seus auxiliares tem uma missão muito mais nobre—a de garantir a propriedade e a vida do cidadão.

Espero que v. s., zeloso, como é, no cumprimento de seus deveres, observará fielmente essa minha ordem, prestando assim um serviço á causa publica e á humanidade.»

Tudo menos professor

Do *Imparcial*, de Lisboa, de 24 de Maio, extrahimos a seguinte noticia:

«Diz uma folha de Chaves, que o professor da freguezia de Suçães, concelho de Mirandella, possuia um pavão, que estimava muito.

O outro dia encontrou-o morto, perto de casa. Exasperado esperou que os discipulos se reunissem na aula, e ali esforçou-se por descobrir o autor do attentado, declarando que o mataria.

«Os rapazes negaram; um pequenito, porém o culpado ao chegar a casa confessou tudo ao pae, a quem supplicou que não mais o mandasse aquella escola, porque o mestre o mataria.

«O pae, fazendo-se acompanhar do pequerrucho, dirigiu-se ao professor, dando-lhe algumas satisfações, prometendo mesmo entregar-lhe qualquer,

A La Belle Jardinière

GRANDE SORTIMENTO DE ROUPA PARA INVERNO

Sobretudos de ca-
semira franceza, for-
rada de seda la derniè-
re mode, sobretudos de
panno piloto, castor
e diagonal.

Cavours, ponches,
polainas impermea-
veis a 8\$000!! An-
derson Abotti, fabri-
cante em
Londres



Chales mantas, col-
letes de malha, cober-
tores para viagem,
lenços de seda e de lã
e muitos outros arti-
gos proprios para o
frio.

Costumes á mari-
nheira e de casemi-
ra, sobretudos, ca-
misas de meias, gra-
vatas, collarinhos pa-
ra crianças de 3 a
12 annos.

A LA BELLE JARDINIÈRE

30--RUA DE SÃO BENTO--30

TELEPHONE, 65--EM FRENTE AO GRANDE HOTEL

A. LINC & COMP

Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

O seus numerosos amigos e freguezes a **Loja do Rocha** previne que acaba de receber completo sortimento de calçado Ferris e outros fabricantes da Europa, e avisa que é o unico depositario do calçado Klark & Comp. (Travessa do Ouvidor n. 35, Rio de Janeiro.)

GRANDE OFFICINA DE CALÇADOS FINOS

LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Industria Nacional

Só na casa Pomona
Biscoutos, lata, 1\$160.

VICENTE P. GUIMARÃES

LARGO DO MERCADINHO 8

Nova fabrica de caixa de papelão

DE

Sergio, Kanz & C.

13, RUA JOSE' BONIFACIO, 13
(Antiga do Ouvidor)

Apromptam-se com brevidade e pre-
ços commodos: caixas para chapéus,
camisas, meias, flôres artificiaes, gri-
naldas, fogos e qualquer caixa de luxo,

S. PAULO

PADARIA 7 DE SETEMBRO

DE

ANTONIO MARTINS DE OLIVEIRA

2, Rua da Imperatriz, 2

VENDE-SE FARINHA DE TRIGO POR ATACADO

esco hido sortimento de roscaas, biscoutos, superior chá Hysson e nacional, manteiga de diversas marcas, etc

Grande sortimento de molhados, como sejam: vinhos portuguezes e fran-
cezes, cervejas, licores finos, etc., os quaes se venderão por atacado.

S. PAULO

8

PROPAGANDA SEPARATISTA
SÃO PAULO INDEPENDENTE

POR
MARTIM FRANCISCO
500 RS.

Em todas as livrarias

THEATRO DO POVO

A NOIVA DE SESSENTA ANNOS

COMEDIA EM 3 ACTOS

Vende-se á rua da Imperatriz, 31
CHALET, MASCOTTE

GRANDE FUNILARIA

PREÇOS SEM COMPETIDOR

CARLOS NELSEN

36--RUA DO PRINCIPE--36

Encanamentos de ferro, chumbo, cobre etc. Banheiras de chuva, chuveiros simples, banheiras inteiras e meias. Colloca-se bombas de todos os systemas. Trabalhos em zinco, cobre etc. Torneiras de todos os systemas. Saldas para caixa d'agua. Grande quantidade de obras de folha e tudo mais que pertence a este ramo de negocio. Encarregam-se de qualquer trabalho pertencente a esta arte tanto bauli como para o interior.